

Lista 11 – Aula Especial Pensadores

Prof. Gênesis Barbará e Prof. Estefânio Gama

Observação: Veja resumo e gabarito comentado no final

Dias 24 e 25/10 a partir das 18h – Correção AO VIVO do ENEM – acesse: www.fatodigital.com.br



1. (Uemg 2013) O Absolutismo como forma de governo esteve presente na península Ibérica, na França e na Inglaterra, tendo impactado e influenciado as maiores economias de seu tempo.

Seus pensadores mais conhecidos e suas teorias foram:

- Nicolau Maquiavel e sua teoria de que o indivíduo estava subordinado ao Estado; Thomas Hobbes, criador da teoria do Contrato; Jacques Bossuet e Jean Bodin, que defenderam que o Rei era um representante divino.
- Nicolau Maquiavel e a teoria do Contrato; Thomas Hobbes e a teoria da supremacia do Rei como representante divino; Jacques Bossuet e Jean Bodin, que defenderam a subordinação do indivíduo ao Estado.
- Maquiavel, Jacques Bossuet e Jean Bodin, cujas teorias só se diferenciaram na aplicabilidade teológica, bem como Thomas Hobbes, que preconizou o indivíduo como senhor de seus direitos.
- Maquiavel e Thomas Hobbes, que conceberam o Contrato Social, Jacques Bossuet, que estabeleceu o conceito de individualismo primordial, e Jean Bodin, que defendeu a primazia da esfera governamental.

2. (Uncisal 2011) A história da sociologia começa com Augusto Comte, mas ele se beneficiou dos conhecimentos acumulados, previamente, por outros pensadores. Quais foram os pensadores que colaboraram com Comte na formulação da sociologia?

- Bourdieu, Weber, Marx.
- Durkheim, Mannheim, Montesquieu.
- Condorcet, Descartes, Bourdieu.
- Montesquieu, Condorcet, Saint-Simon.
- Montesquieu, Bourdieu, Jean-Paul Sartre.

3. (Ueg 2011)



Algumas pessoas conseguem mais do que outras nas sociedades – mais dinheiro, mais prestígio, mais poder, mais vida, e tudo aquilo que os homens valorizam. Tais desigualdades criam divisões na sociedade – divisões com respeito a idade, sexo, riqueza, poder e outros recursos. Aqueles no topo dessas divisões querem manter sua vantagem e seu privilégio; aqueles no nível inferior querem mais e devem viver em um estado constante de raiva e frustração [...]. Assim, a desigualdade é uma máquina que produz tensão nas sociedades humanas. É a fonte de energia por trás dos movimentos sociais, protestos, tumultos e revoluções. As sociedades podem, por um período de tempo, abafar essas forças separatistas, mas, se as severas desigualdades persistem, a tensão e o conflito pontuarão e, às vezes, dominarão a vida social.

TURNER, Jonathan H. *Sociologia: Conceitos e aplicações*. São Paulo: Pearson, 2000. p. 111. (Adaptado).

A observação da figura e a leitura do texto permitem inferir:

- no plano social, a igualdade humana está explícita em dois setores bem definidos: na Justiça, segundo a qual todos são iguais perante a lei, e na educação, em que todos devem ter oportunidades iguais; essas práticas são vivenciadas pela sociedade brasileira.
- segundo Karl Marx, aqueles que possuem ou controlam os meios de produção têm poder, sendo capazes de manipular os símbolos culturais através da criação de ideologias que justifiquem seu poder e seus privilégios.
- a estratificação de classes existe quando renda, poder e prestígio são dados igualmente aos membros de uma sociedade, gerando, portanto, grupos culturais, comportamentais e organizacionais semelhantes.
- a estratificação, na visão de Karl Marx, mostra que a luta de classes não se polariza entre o ter e o não ter e envolve mais do que a ordem econômica.

4. (Uern 2015) O cargo de soberano (seja ele um monarca ou uma assembleia) consiste no objetivo para o qual lhe foi confiado o soberano poder, nomeadamente a obtenção da segurança do povo, ao qual está obrigado pela lei da natureza, e do qual tem de prestar contas a Deus, o autor dessa lei, e a mais ninguém além dele. [...] Deus é rei, que a

terra se alegre, escreve o salmista. E também, deus é rei muito embora as nações não o queiram; e é aquele que está sentado entre os querubins, muito embora a terra seja movida.

(Leviatã. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. 103-6, 200-1. Col. Os Pensadores, v. 1.)

O período do Antigo Regime foi permeado de muitos defensores, tanto quanto de opositores à soberania real. Na visão de *Hobbes*, autor do livro "O Leviatã", bem como na visão de outros filósofos contemporâneos a ele, como *Bossuet* e *Maquiavel*, o poder do rei deve

- existir, desde que comprovada a sua aptidão e eficiência em relação à gestão pública.
- ser visto como inalienável, ilimitado e inquestionável, já que, segundo alguns desses pensadores, procede de Deus.
- prevalecer acima de outros poderes (executivo, legislativo e judiciário), desde que não os exclua ou os contradiga.
- ser baseado na astúcia e na sabedoria, mas, acima de tudo, no preparo intelectual e acadêmico, ao qual tem que se submeter qualquer governante.

5. (Unifesp 2009) "O fim último, causa final e desígnio dos homens (que amam naturalmente a liberdade e o domínio sobre os outros), ao introduzir aquela restrição sobre si mesmos sob a qual os vemos viver nos Estados, é o cuidado com sua própria conservação e com uma vida mais satisfeita. Quer dizer, o desejo de sair daquela mísera condição de guerra que é a consequência necessária (conforme se mostrou) das paixões naturais dos homens, quando não há um poder visível capaz de os manter em respeito, forçando-os, por medo do castigo, ao cumprimento de seus pactos e ao respeito àquelas leis de natureza."

(Thomas Hobbes (1588-1679). "Leviatã". Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.)

"O príncipe não precisa ser piedoso, fiel, humano, íntegro e religioso, bastando que aparente possuir tais qualidades (...). O príncipe não deve se desviar do bem, mas deve estar sempre pronto a fazer o mal, se necessário."

(Nicolau Maquiavel (1469-1527). "O Príncipe". Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1986.)

Os dois fragmentos ilustram visões diferentes do Estado moderno. É possível afirmar que:

- Ambos defendem o absolutismo, mas Hobbes vê o Estado como uma forma de proteger os homens de sua própria periculosidade, e Maquiavel se preocupa em orientar o governante sobre a forma adequada de usar seu poder.
- Hobbes defende o absolutismo, por tomá-lo como a melhor forma de assegurar a paz, e Maquiavel o recusa, por não aceitar que um governante deva se comportar apenas para realizar o bem da sociedade.
- Ambos rejeitam o absolutismo, por considerarem que ele impede o bem público e a democracia, valores que jamais podem ser sacrificados e que fundamentam a vida em sociedade.
- Maquiavel defende o absolutismo, por acreditar que os fins positivos das ações dos governantes justificam seus meios violentos, e Hobbes o recusa, por acreditar que o

Estado impede os homens de viverem de maneira harmoniosa.

- Ambos defendem o absolutismo, mas Maquiavel acredita que o poder deve se concentrar nas mãos de uma só pessoa, e Hobbes insiste na necessidade da sociedade participar diretamente das decisões do soberano.

6. (Ufpe 2007) "Daqui nasce um dilema: é melhor ser amado do que temido, ou o inverso? Respondo que seria preferível ambas as coisas, mas, como é muito difícil conciliá-las, parece-me muito mais seguro ser temido do que amado, se só se puder ser uma delas. [...]"

Os homens hesitam menos em prejudicar um homem que se torna amado do que outro que se torna temido, pois o amor mantém-se por um laço de obrigações que, em virtude de os homens serem maus, quebra-se quando surge ocasião de melhor proveito. Mas o medo mantém-se por um temor do castigo que nunca nos abandona. Contudo, o príncipe deve-se fazer temer de tal modo que, se não conseguir a amizade, possa pelo menos fugir à inimizade, visto haver a possibilidade de ser temido e não ser odiado, ao mesmo tempo."

MAQUIAVEL, Nicolau (1469-1527). "O Príncipe". Lisboa: Europa-América, 1976.

O documento embasa

- a organização de uma sociedade liberal, precursora dos ideais da Revolução Francesa.
- o direito divino dos reis, reforçando as estruturas políticas e religiosas medievais.
- o absolutismo monárquico, sob a ótica de um escritor renascentista.
- a origem do Estado Moderno, através do Contrato Social.
- o republicanismo como regime político, apropriado para os Estados Modernos.

7. (Ufu 2007) Observe a imagem a seguir.



Leonardo da Vinci.
Estudo para o Monumento dos Sforza. 1488-9.

Considerando que o desenho acima é um esboço de Leonardo da Vinci para a edificação de um monumento ao poder dos "Sforza" de Milão e levando em conta o contexto artístico, cultural e político do Renascimento italiano, é correto afirmar que:

I - a arte renascentista era autônoma em relação à política e à religião. Por isso, Leonardo da Vinci buscava retratar cenas de homens comuns, como as dos esforçados combatentes milaneses ("sforza", como eram conhecidos),

massacrados pelos espanhóis no final do século XV.

II - o desenho constituía um instrumental importante, porém secundário, para a maior parte dos artistas do Renascimento. Seu domínio permitia, por exemplo, o planejamento de obras de pintura, arquitetura e escultura, mas ele não tinha valor artístico por si só.

III - o porte físico e os movimentos vigorosos do cavalo, representados no desenho, simbolizam o poder militar dos Sforza. O domínio das artes da guerra era considerado, por muitos, dentre os quais Maquiavel, fundamental para a manutenção do poder dos chefes políticos.

IV - os monumentos constituem uma parcela insignificante das obras artísticas do Renascimento. Em geral, as obras eram decorativas e voltadas para a contemplação em ambientes privados, atendendo ao gosto da nascente burguesia comercial, que as patrocinava através da figura do mecenas.

Marque a alternativa correta.

- a) Apenas II e III estão corretas.
- b) Apenas I e IV estão corretas.
- c) Apenas I e II estão corretas.
- d) Apenas III e IV estão corretas.

8. (Ufscar 2006) (...) os deputados do povo não são, nem podem ser, seus representantes; não passam de seus comissários, nada podendo concluir definitivamente. É nula toda lei que o povo diretamente não ratificar e, em absoluto, não é lei. O povo inglês pensa ser livre e muito se engana, pois o é somente durante a eleição dos membros do parlamento; logo que estes são eleitos, ele é escravo, não é nada. Durante os breves momentos de sua liberdade, o uso que dela faz mostra que bem merece perdê-la.

Sobre as ideias e o autor do texto, é correto afirmar que são

- a) discussões filosóficas renascentistas de Bodin, em defesa do absolutismo monárquico e contra a representatividade do povo no parlamento.
- b) reflexões sobre a legitimidade de representação do povo inglês no parlamento, feitas por Locke, durante a fase mais radical da Revolução Francesa.
- c) análise do poder, feita por Maquiavel, defendendo a constituição de um Estado forte, fundado na relação de representação direta do povo diante do poder do príncipe.
- d) críticas filosóficas iluministas feitas por Rousseau ao sistema político de representação, com a defesa da participação direta do povo nas decisões do Estado.
- e) estudo crítico socialista de Marx sobre a importância da participação direta do proletariado na organização do sistema político de representação parlamentar inglês.

9. (Ufpr 2006) "A justiça sem a força é impotente; a força sem a justiça é tirânica. A justiça sem a força será contestada, porque há sempre maus; a força sem a justiça será acusada. É preciso reunir a justiça e a força; e dessa forma, fazer com que o justo seja forte, e o que é forte seja justo."

(Pascal. Pensamentos V, 298. Apud. BARROS, Alberto Ribeiro de. "A teoria da soberania de Jean Bodin". São Paulo: UNIMARCO, 2001.

Essa passagem dos Pensamentos do filósofo e matemático Blaise Pascal (1623 -1662) remete à relação de equilíbrio

que deve existir entre o poder político e a justiça. A respeito dessa questão central para a filosofia e a ciência política desde o século XVII, assinale a alternativa correta.

- a) Nos séculos XVII e XVIII, as monarquias absolutistas foram controladas pelos parlamentos em toda a Europa, prevalecendo as teorias políticas constitucionais sobre a teoria do direito divino dos reis.
- b) Ao escrever sobre as formas de governo, Montesquieu (1689-1755) aproximou-se do pensamento político de John Locke, tornando-se um opositor da monarquia e defensor do regime republicano democrático.
- c) John Locke (1632-1704) defendia que ninguém podia isentar-se das leis que regem a sociedade civil, criticando enfaticamente as teorias absolutistas, que consideravam uma prerrogativa do poder monárquico não se submeter às leis que regulavam a vida dos súditos.
- d) Os pensadores políticos dos séculos XVI e XVII que defenderam a causa política da monarquia eram seguidores dos princípios políticos pragmáticos enunciados por Maquiavel no começo do século XVI, mesmo que para tanto tivessem que renunciar à moral e à religião.
- e) Thomas Hobbes (1588-1679) foi um defensor do equilíbrio entre executivo e legislativo, pregando a necessidade de um parlamento forte que moderasse a monarquia.

10. (Upf 2015) Leia o fragmento do documento a seguir, que trata da escravidão na Idade Antiga.

"Ao lidarmos com escravos, não deveríamos permitir que fossem insolentes para conosco, nem deixá-los totalmente sem controle. Aqueles cuja posição está mais próxima da dos homens livres deveriam ser tratados com respeito; aqueles que são trabalhadores deveriam receber mais comida. Já que o consumo de vinho também torna homens livres insolentes [...], é claro que o vinho jamais deveria ser dado a escravos, ou só muito raramente."

(ARISTOTELES, in: CARDOSO, Ciro Flamarion. *O trabalho compulsório na antiguidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1984, p. 108)

Sobre a escravidão na Antiguidade, é **correto** afirmar:

- a) Esteve presente com igual importância econômica em todas as sociedades mediterrâneas.
- b) Foi restrita às cidades-estados da Grécia e à Roma republicana e imperial.
- c) Foi tão importante nas sociedades do Egito e da Mesopotâmia quanto nas da Grécia e de Roma.
- d) Foi marcante nas sociedades grega e romana só a partir de um determinado estágio do desenvolvimento de ambas, quando surgiu a propriedade privada.
- e) Era desconhecida nas chamadas sociedades hidráulicas do Egito e da Mesopotâmia e entre os hebreus e fenícios.

11. (Pucsp 2014) "Por natureza, na maior parte dos casos, há o que comanda e o que é comandado. O homem livre comanda o escravo (...). Estabelecemos que o escravo é útil para as necessidades da vida."

Aristóteles. Política (IV a.C.). Apud: Marcelo Rede. *A Grécia Antiga*. São Paulo: Saraiva, 2012, p. 33.

O texto, escrito no século IV a.C., indica que, no mundo grego antigo, a

- a) democracia envolvia todos os moradores das cidades e do campo, sem fazer distinções de raça ou condição social.
- b) escravidão era considerada natural e sua instituição permitiu a participação dos cidadãos na vida política.
- c) democracia e a escravidão eram consideradas incompatíveis, pois apenas com liberdade geral e irrestrita é que se pode construir uma democracia.
- d) escravidão permitia que todos os cidadãos pudessem dedicar-se apenas ao ócio, sem atuar na vida coletiva da cidade.
- e) democracia predominou, uma vez que todos eram considerados iguais e livres por natureza.

12. (Uepb 2013) No século V a.C, Atenas vivia o auge de um regime de governo no qual os homens livres decidiam os interesses comuns de todos os cidadãos. Assinale a alternativa correta:

- a) Platão defendia a valorização das paixões pessoais porque o homem que agia assim em sociedade considerava as necessidades alheias, favorecendo o fortalecimento do regime democrático.
- b) A democracia ateniense era direta e plena, tendo como cidadãos os homens livres, as mulheres e os estrangeiros.
- c) A democracia da Grécia Clássica garantia os mesmos direitos para todas as pessoas, embora não defendesse a soberania do homem em relação ao seu destino.
- d) As propostas que os atenienses defendiam publicamente eram feitas por meio de discursos proferidos por sofistas que dominavam a arte da oratória.
- e) Para os sofistas, tudo deveria ser avaliado segundo os interesses coletivos para favorecer a democracia e condenavam os interesses individuais.

13. (Ufpa 2012) Aristóteles propunha dois critérios para diferenciar senhores e escravos:

O primeiro critério é de ordem política: *o homem é, por natureza, um animal político, um ser cívico; por conseguinte, só o homem livre é totalmente homem porque só ele está apto para a vida política. O senhor coincide com o cidadão. Pelo contrário, o escravo é, por natureza, incapaz de deliberar, participa da razão sem a possuir.*

O segundo critério articula-se com o primeiro. *Certos trabalhos que implicam apenas o uso da força são, por essência, servis e são esses os que se adequam aos indivíduos que foram definidos como escravos pela sua incapacidade de raciocinar.*

(Aristóteles, *Política*).

Baseado nos critérios de Aristóteles é correto afirmar:

- a) Na Grécia Antiga, a escravidão e a política estavam vinculadas contraditoriamente, pois a existência de uma justificava a outra, ou seja, para que os homens livres pudessem se dedicar exclusivamente à política, o

trabalho, que garantia sua subsistência, deveria ser feito pelos escravos.

- b) A condição de escravo, em qualquer época, implica o reconhecimento, pelo indivíduo escravizado, da perda de sua condição humana e de sua inferioridade em relação ao senhor, o que o leva a aceitar mais facilmente tal situação, que passa a ser vista como inevitável.
- c) A escravidão no mundo antigo greco-romano recaía sobre os povos de tradição guerreira, que, por serem portadores de grande força física e de culturas primitivas, eram considerados mais capazes de realizar trabalhos que exigiam apenas o uso da força.
- d) A escravidão na Antiguidade Clássica adotava critérios étnicos e culturais, o que fazia com que somente povos considerados bárbaros, incultos, incapazes de usar a razão fossem escravizados nas guerras. Portanto, os povos vistos como civilizados ficavam isentos de tal condição.
- e) Os escravos antigos assemelhavam-se aos modernos, principalmente no que dizia respeito à destinação dos produtos de seu trabalho, já que, em ambas as situações, o trabalho escravo vinculava-se à produção de alimentos que garantiam a subsistência dos homens livres.

14. (Unisc 2012) George Orwell, através de uma linguagem metafórica, em “A revolução dos bichos”, um dos clássicos da literatura mundial, constrói uma sátira em que critica a Rússia Soviética e o regime lá implantado por Josef Stalin, resultantes da Revolução Bolchevique, de outubro de 1917. No primeiro capítulo da obra, descreve o discurso de Major, um porco moribundo, o animal mais conceituado e respeitado da granja, em uma reunião dos bichos, em que relata um estranho sonho que tivera:

“(…) quase todo o produto do nosso esforço nos é roubado pelos seres humanos. Eis aí, camaradas, a resposta a todos os nossos problemas. Resume-se em uma só palavra – Homem. O homem é o nosso verdadeiro e único inimigo. Retire-se da cena o Homem, e a causa principal da fome e da sobrecarga de trabalho desaparecerá para sempre. (...) Que fazer? Trabalhar dia e noite, de corpo e alma, para a derrubada do gênero humano. Esta é a mensagem que eu vos trago, camaradas: Revolução!”

ORWELL, George. *A Revolução dos bichos*, disponível em <http://wwjhr.org>, pág.10-12.

O trecho acima, embora fictício e metafórico, permite que se estabeleça uma correspondência com que ideólogo?

- a) Martinho Lutero, que liderou a revolução protestante na Alemanha, no século XVI.
- b) Mikhail Gorbachev, último presidente da URSS, que, através da perestroika e da glasnost, procurou implantar reformas na economia e na política soviética.
- c) Karl Marx, defensor da revolução comunista através do proletariado.
- d) O aiatolá Khomeini, fundador da revolução fundamentalista islâmica.
- e) Pierre Boulle, autor do romance francês “O Planeta dos Macacos”, que defendia a ideia de que o homem deveria ser substituído pelo macaco.

15. (G1 - ifsp 2012) Compreenderemos mais facilmente os efeitos produzidos pela divisão do trabalho na economia geral da sociedade, se considerarmos de que maneira essa divisão do trabalho opera em algumas manufaturas específicas. (...) Tomemos, pois, um exemplo, tirado de uma manufatura muito pequena, mas na qual a divisão do trabalho muitas vezes tem sido notada: a fabricação de alfinetes. (...) da forma como essa atividade é hoje executada, não somente o trabalho todo constitui uma indústria específica, mas ele está dividido em uma série de setores. (...) Um operário desenrola o arame, um outro o endireita, um terceiro o corta, um quarto faz as pontas, um quinto o afia nas pontas para a colocação da cabeça do alfinete.

O texto faz uma clara referência à tese

- da lei férrea dos salários, desenvolvida por *David Ricardo*.
- do anarquismo, desenvolvida por *Joseph Proudhon*.
- do socialismo científico, desenvolvida por *Karl Marx*.
- do parcelamento das tarefas, desenvolvida por *Adam Smith*.
- do socialismo utópico, desenvolvido por *Saint-Simon*.

16. (G1 - cftsc 2010) A Revolução Russa, ocorrida em 1917, deixou o mundo abalado. Pela primeira vez, tentava-se estabelecer um tipo de governo no qual os trabalhadores teriam participação ativa. Os líderes do novo Estado tinham plena convicção de que estava nascendo a sociedade socialista, em que as diferenças entre as classes sociais deveriam desaparecer. Era o aparecimento de um novo modo de organizar a produção, que substituiria o capitalismo.

Adaptado de: PEDRO, Antonio. *História do Mundo Ocidental*. São Paulo, 2005. p.379

Assinale a alternativa correta.

- Quando os operários das fábricas e das fazendas da Rússia se mobilizaram para tomar o poder não encontraram resistência por parte do grupo que estava no poder.
- Após a Revolução Russa, o Estado desapareceu juntamente com o fim das classes sociais e os operários passaram a ser os donos das fábricas.
- A Revolução Russa causou uma Guerra Mundial envolvendo de um lado os países capitalistas e de outro lado, os socialistas.
- O sistema descrito no texto acima, baseou-se na teoria do filósofo Karl Marx que tinha como uma de suas características a propriedade coletiva dos bens de produção.
- O exemplo da Revolução Russa espalhou-se fazendo com que o sistema capitalista desaparecesse do mundo no século XX, dando lugar ao sistema comunista.

17. (Uepb 2014) O século XVIII europeu foi marcado pela crise do Antigo Regime” e pelo advento do Iluminismo - um movimento intelectual e político favorável ao uso da razão como forma de se alcançar a liberdade, a felicidade e o bem-estar social.

Analise as assertivas abaixo:

- Enquanto movimento intelectual, o Iluminismo pretendia divulgar o conhecimento até então produzido pela humanidade. Foi por isso que se produziu, entre 1751 e 1780, uma Enciclopédia (composta de 35 volumes). A ideia dos enciclopedistas era travar uma batalha permanente contra a ignorância e a favor da educação popular.
- A base ideológica do Antigo Regime, assim chamado por se inspirar na elaboração aristotélica, era a crítica ao poder absolutista e a defesa da soberania popular. Filosoficamente, se filiava à elaboração de enciclopedistas como Voltaire, d'Alembert, Montesquieu e Rousseau.
- As sociedades europeias do Antigo Regime eram estamentais e o poder político e econômico estava nas mãos da nobreza e da Igreja. Mas a educação ficava a cargo dos enciclopedistas, que fundaram universidades para lecionar aos filhos da elite um tipo de conhecimento laico, científico e comprometido com a reestruturação social.
- Enquanto movimento político, o Iluminismo criticava as sociedades estamentais baseadas no Antigo Regime. Os “homens da ilustração” questionavam a influência política e cultural da Igreja, os privilégios da nobreza, a servidão no campo e a censura às chamadas ideias perigosas”.

Assinale a alternativa correta:

- I, II e III corretas, enquanto IV incorreta.
- IV correta, enquanto I, II e III incorretas.
- II e III corretas, enquanto I e IV incorretas.
- II correta, enquanto I, II e IV incorretas.
- I e IV corretas, enquanto II e III incorretas.

18. (Uel 2006) "Sabe-se que para Hegel a História Universal não recobre o curso empírico da humanidade. A História propriamente dita nasce apenas com o Estado, quando a vida social ganha uma forma sob o efeito desta instância que confere a seus elementos expressão pública e consciência. Somente então é assegurada a permanência do sentido".

(LEFORT, Claude. "As formas da História. Ensaios de Antropologia Política". São Paulo: Brasiliense, 1990. p.37.)

Com base no texto, considere as afirmativas a seguir.

- Hegel partia do mundo empírico para explicar a História.
- Segundo Hegel, a formação da consciência se dá com o surgimento do Estado.
- Hegel, ao analisar o surgimento da História, desconsidera a organização do Estado.
- A noção de Estado só ganha sentido se relacionada à dimensão da vida social.

Estão corretas apenas as afirmativas:

- I e II. b) II e IV. c) III e IV. d) I, II e III. e) I, III e IV.

Gabarito:

Resposta da questão 1:

[A]

Maquiavel e Hobbes se utilizam de argumentos racionais – não religiosos – em suas teorias; o primeiro defendendo a autoridade do “Príncipe”, ou seja, do governante sobre a sociedade, enquanto o segundo, autor do *Leviatã*, que parte da ideia de que “o homem é o lobo do homem” e para viver em sociedade os homens devem estabelecer um contrato social, no qual cada indivíduo renuncia a uma parte de sua liberdade e de seus direitos a um governante, responsável por gerir o conjunto da sociedade. Importante destacar que a ideia de “contrato social” de Hobbes antecede ao livro de mesmo nome de Rousseau (que defenderá o fim do absolutismo).

Resposta da questão 2:

[D]

Dentre os precursores da sociologia podemos citar Montesquieu, Condorcet e Saint-Simon. Ainda que, esses não sejam considerados sociólogos (como Weber, Marx e Durkheim), seus modelos interpretativos e seus objetos de indagação se aproximavam muito daqueles que a sociologia tomou para si.

Resposta da questão 3:

[B]

[A] Incorreto. A sociedade brasileira não é marcada pela igualdade, tanto no acesso à Justiça (uma grande parte da população não tem acesso a ela), quanto no acesso à educação.

[B] Correto. Segundo Marx, as desigualdades são originadas pela posse desigual dos meios de produção. Assim, aqueles que detêm esses meios de produção controlam também os símbolos culturais por meio da ideologia.

[C] Incorreto. A estratificação social ocorre através das desigualdades, que podem ser de renda, *status*, poder, prestígio, educação, entre outros fatores.

[D] Incorreto. A divisão da sociedade em duas classes antagônicas – uma que possui e outra que não possui os meios de produção da vida material – é a base da teoria de estratificação social marxista.

Resposta da questão 4:

[B]

O movimento absolutista trouxe consigo os chamados teóricos do Absolutismo, que buscaram formular as chamadas *Teorias do Poder Absoluto* para justificar a concentração de poder nas mãos dos soberanos. Dentre esses teóricos podemos citar Hobbes, Maquiavel e Bousset e suas teorias baseavam-se na afirmação de que o poder de um soberano era ilimitado e inquestionável, muitas vezes derivado de Deus, e existia para regular e ajudar as sociedades.

Resposta da questão 5:

[A]

Resposta da questão 6:

[C]

Resposta da questão 7:

[D]

Resposta da questão 8:

[D]

Resposta da questão 9:

[C]

Resposta da questão 10:

[D]

Somente a proposição [D] está correta. A questão remete a escravidão na Antiguidade Clássica, Grécia e Roma. A escravidão já existia nas civilizações da Antiguidade Oriental como Egito, Mesopotâmia, Fenícios, Hebreus e Persas, porém, foi na Antiguidade Clássica Ocidental, Grécia e Roma, que ela se tornou um modo de produção hegemônico em um determinado momento da história destas duas civilizações. Pensadores importantes como Aristóteles justificava a escravidão considerando-a natural e justa

Resposta da questão 11:

[B]

Somente a alternativa [B] está correta. Aristóteles defendeu que a escravidão era algo natural considerando que normalmente na natureza há os que comandam e os que são comandados, ou seja, senhores e escravos, homens e mulheres. A escravidão na Grécia foi fundamental para a democracia considerando que os homens livres que possuíam escravos tinham tempo livre para discutir assuntos públicos na *ágora*. As demais alternativas estão incorretas. A democracia não envolvia todos os moradores da zona rural e urbana. Estavam excluídos da cidadania escravos, mulheres e estrangeiros. Democracia e escravidão eram compatíveis na Grécia Antiga. Os cidadãos podiam se dedicar ao ócio e a vida pública. Todos os homens não eram considerados iguais e livres por natureza.

Resposta da questão 12:

[D]

A democracia ateniense era direta e excludente, uma vez que, apesar da participação direta dos cidadãos, mulheres, estrangeiros e escravos não participavam das decisões políticas. As decisões políticas eram tomadas em conjunto pelos cidadãos, sempre a partir de discursos dos sofistas.

Resposta da questão 13:

[A]

O discurso de Aristóteles procura uma base racional para justificar a escravidão e a apresenta como a antítese do “ser cidadão”. Na época, a cidadania estava estendida ao homem pobre, desde que nascido na cidade, portanto iguala estrangeiro ao “não cidadão”, que pode ser escravizado. A maioria dos escravos na Grécia era comprada em mercados exteriores e não eram prisioneiros de guerras que os gregos moveram e foram utilizados em trabalhos diversos. Em nenhum momento da História os escravos aceitaram passivamente tal condição.

Resposta da questão 14:

[C]

Somente a alternativa [C] está correta. A questão remete a Revolução Russa de 1917 que surgiu ancorada nas ideias do pensador alemão Karl Marx que formulou o Socialismo Científico. O escrito inglês George Orwell em sua brilhante obra “*A Revolução dos Bichos*” teceu algumas críticas ao socialismo autoritário e violento implantado na URSS no governo de Stalin. O porco moribundo, líder dos animais na fazenda, sugere abolir o gênero humano para resolver os problemas sociais enquanto Marx defende a supressão do Estado, das classes sociais e da propriedade privada para acabar com as injustiças sociais.

Resposta da questão 15:

[D]

O texto identifica uma nova realidade no processo de produção na transição do processo manufatureiro para o fabril. Adam Smith produziu análises econômicas no final do século XVIII e defendeu o liberalismo como forma de melhor organizar a economia, aumentando a produção, assim como a especialização do trabalho para o aumento da produtividade.

Resposta da questão 16:

[D]

O socialismo foi fundamentado por Karl Marx, considerado ainda hoje como o principal teórico de um novo modelo de organizar a produção e a economia. A teoria marxista, também denominada de “socialismo científico” ou de “materialismo histórico”, pressupõe a eliminação da propriedade privada e consequentemente das classes sociais. A Revolução Russa foi o

primeiro movimento operário vitorioso, no sentido de implementar uma sociedade igualitária e, durante muitos anos, manteve-se como o único país socialista no mundo.

Resposta da questão 17:
[E]

A afirmativa [II] está **incorreta** porque o movimento que se baseia na crítica ao Absolutismo e na defesa da soberania do povo era o Iluminismo, e não o Antigo Regime;

A afirmativa [III] está **incorreta** porque o poder no Antigo Regime concentrava-se fundamentalmente nas mãos dos Reis, e a educação da elite era voltada para a permanência dessa divisão desigual de *status*.

Resposta da questão 18:
[B]

Os 20 filósofos essenciais do ENEM

1. Os filósofos pré-socráticos: os primeiros filósofos e cientistas (séc. VI a.C.). Preocupam-se mais com a questão da origem e da constituição da natureza (a questão da *physis*) do que com as questões éticas, políticas e epistemológicas.

2. Os sofistas: os primeiros professores profissionais de argumentação e retórica. São os primeiros “humanistas”. Defendem que “o homem é a medida de todas as coisas” (Protágoras) e que a verdade é relativa à força dos argumentos (Górgias).

3. Sócrates: o primeiro filósofo de fato. Faz oposição aos sofistas, por eles cobrarem pelos ensinamentos e não visarem à compreensão da verdade. Para Sócrates, o conhecimento mais importante é a consciência da própria ignorância.

4. Platão: aluno de Sócrates. Desenvolve a Teoria das Ideias. É contrário à democracia, vista como um regime no qual os mais ignorantes governam. Defende o governo dos mais sábios.

5. Aristóteles: aluno de Platão. Critica a Teoria das Ideias. Afirmar ser necessário utilizar os sentidos para conhecer. Para ele, a virtude está na justa medida. A felicidade é o fim a que visam todas as ações humanas.

6. Filosofia medieval: o processo de conciliação entre o pensamento filosófico grego e helênico e a religião cristã. Dois grandes períodos: a Patrística (do séc. IV ao VI; o principal representante é Agostinho) e a Escolástica (do séc. XI ao XV; o principal representante é Tomás de Aquino).

7. Thomas More: também conhecido como Thomas Morus, escreve, no séc. XVI, *Utopia*, descrição literária e filosófica de uma sociedade ideal, sem dinheiro nem violência contra as pessoas.

8. Maquiavel: escreve, também no séc. XVI, *O Príncipe*, no qual tenta apresentar as leis de funcionamento da política não a partir de uma idealização, mas a partir da história grega, romana e italiana.

9. René Descartes: no séc. XVII, o racionalista Descartes procura fundamentar todo o conhecimento não pela tradição nem pela experiência sensorial, mas pela razão.

10. Francis Bacon: propõe que a ciência funcionava por método indutivo: a repetição das observações e experimentos permitiria a inferência das leis de funcionamento da natureza. O erro do conhecimento é atribuído a ídolos: os ídolos da tribo, da caverna, do fórum e do teatro.

11. Thomas Hobbes: no séc. XVII, escreve *Leviatã*, onde defende que o Estado absolutista é necessário para evitar a guerra de todos contra todos. É um contratualista. É também empirista, afirmando que todo o conhecimento humano deriva das impressões sensoriais.

12. John Locke: concorda com o empirismo de Hobbes, mas discorda da defesa do Estado absolutista. Locke é um contratualista e jusnaturalista (acredita que existam leis naturais) que defende que o Estado deve manter e proteger todos os direitos dos cidadãos (direito à vida, à liberdade e à propriedade privada), exceto o direito de fazer justiça pelas próprias mãos.

13. Jean-Jacques Rousseau: no séc. XVIII, Rousseau afirma que o homem nasce bom, mas a sociedade o corrompe, especialmente por meio da propriedade privada. Essa é a base da tese do bom selvagem. Rousseau é um contratualista.

14. David Hume: o empirista David Hume, no séc. XVIII, aponta o problema da indução. Afirmar que todo o conhecimento indutivo, incluindo a ciência, é inseguro, pois é baseado no mero hábito, e não na estrutura da natureza. Não é possível obter um conhecimento geral a partir de um conjunto limitado de dados.

15. Immanuel Kant: no século XVIII, defende que tanto o racionalismo quanto o empirismo têm razão parcialmente. Defende que é preciso conceber o conhecimento como uma síntese entre a coisa-em-si externa e uma estrutura prévia de conhecimento. A ideia de que o conhecimento revela mais sobre nós mesmos do que sobre a coisa conhecida é chamada por ele de revolução copernicana na filosofia. No campo da ética, criou o imperativo categórico, que diz que antes de agir o sujeito deve generalizar hipoteticamente sua ação para toda a humanidade – se o resultado de sua ação

generalizada for benéfico para todos, ela deve ser praticada; se for maléfico, não deve.

16. Hegel: transforma o conceito de “dialética”: para Hegel, a dialética não tem dois pólos, mas três – tese, antítese e síntese, que se constitui como nova tese.

17. Bentham, Mill e o Utilitarismo: afirmam que devemos sempre agir sempre visando ao maior bem para a maior quantidade de pessoas.

18. Karl Marx: no século XIX, cria o materialismo dialético. Para compreender a sociedade, é preciso compreender sua infra-estrutura (o processo de produção). A superestrutura (valores, ideias, religião, cultura, educação et cetera) é mera consequência necessária da infraestrutura.

19. Jean-Paul Sartre: para Sartre (séc. XX), todo homem vive na liberdade absoluta. “O homem é condenado a ser livre”: não pode escapar do fato de que todas as suas ações são de sua inteira e exclusiva responsabilidade. O homem é livre mesmo que decida seguir ordens – pois o ato de seguir ordens não é necessário, e sim uma escolha livre de não ser livre, escolha que o homem pode mudar a qualquer momento. Sartre é um existencialista: para ele, a existência é anterior à essência, que é constituída livremente por cada homem.

20. Michel Foucault: no pensamento de Foucault (séc. XX), o poder não existe como algo de que alguém possa ter a “posse”; o poder não é localizado espacialmente, mas está distribuído em todas as relações sociais. Poder não se detém: se exerce. A forma do exercício do poder pode ser violenta ou sutil.